

ENTRE A TRADIÇÃO E A MODERNIDADE: O JORNAL *O NORDESTE* E SUA ATUAÇÃO NO COMBATE AOS “MAUS COSTUMES”

Maria Adaiza Lima Gomes*

RESUMO

Nos propomos, neste trabalho, a analisar os discursos publicados no diário católico *O Nordeste*, num período que vai de 1922 a 1927, a fim de perceber de que modo ele foi utilizado pelos seus responsáveis como instrumento moralizador da população, buscando conciliar modernidade e religião nas condutas dos fortalezenses. Nesse momento, a cidade passava por mudanças econômicas, sociais e culturais, através de notícias, queixas, denúncias, campanhas etc., os redatores do periódico, assim como seus leitores, buscaram manter a tradição católica e também a ordem na cidade, criticando os comportamentos indesejáveis e ditando a maneira como se deveria agir no espaço urbano.

PALAVRAS-CHAVE: Imprensa Católica. Discurso. Moralização.

ABSTRACT

We propose in this paper to analyze the speeches published in the catholic newspaper *O Nordeste*, in a period from 1922 to 1927, in order to understand how it was used by those responsible as moralizing instrument of the population, seeking to reconcile modernity and religion the conduct of fortalezenses. At that time, the city was going through economic, social and cultural changes through news, complaints, campaigns, etc., journal editors them as well as your readers, sought to keep the catholic tradition and the order in the city, criticizing undesirable behaviors and dictating the way you should act in the urban space.

KEY-WORDS: Catholic Press. Speech. Moralizing.

RECEBIDO 05/08/2016

AVALIADO 21/08/2016

* Mestra em História e culturas pela Universidade Estadual do Ceará e professora da rede pública municipal de Fortaleza. E-mail: adaizagomes@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Ao folhearmos o jornal católico *O Nordeste*, principalmente as publicações entre 1922 e 1927, podemos notar a presença constante de textos que possuem a intenção de intervir na conduta dos seus leitores, censurando os considerados “maus comportamentos” e determinando a maneira como se deveria se portar no espaço público e no privado.

Como veremos adiante, este periódico foi fundado em 1922 pela arquidiocese, como forma de aproximar a Igreja Católica de seus fiéis, na intenção de conservar seu prestígio e sua influência na sociedade cearense e de defender os interesses da Igreja Católica no Estado do Ceará, a partir da divulgação dos princípios da religião. Assim, seria função dos seus redatores, intelectuais católicos laicos, publicar discursos que trouxessem a ideia de que o catolicismo seria fundamental para o “progresso” da sociedade.

Nesse período a cidade passava por reformas urbanas, e também por mudanças econômicas e sociais. Os intelectuais, assim como as camadas abastadas da população e os poderes públicos, tomando como exemplos os grandes centros urbanos europeus, defendiam a ideia de que Fortaleza deveria ser uma cidade ordenada e que sua população deveria ser disciplinada. Com isso, percebemos que os redatores do *O Nordeste*, como membros destes grupos que desejavam uma cidade “civilizada”, mas também representantes da Igreja, se utilizaram dos discursos publicados na folha como estratégia para combater “velhos hábitos”, que não condiziam com a cidade desejada pelos setores dominantes, tais como a falta de higiene, a vadiagem e a prostituição; mas também os novos comportamentos, tidos como modernos, que, no entanto, seriam vistos como uma ameaça à moral católica, tais como frequentar os cinemas, vestir-se de acordo com a moda e praticar as novas danças.

Para realizar nossas análises utilizamos como fonte principal o próprio *O Nordeste*, mas pesquisamos periódicos contemporâneos seus, como o *Correio do Ceará* e o *Gazeta de Notícias*, a fim de cruzar seus olhares a respeito do comportamento dos fortalezenses, procurando perceber as singularidades no discurso e na visão de mundo do *O Nordeste*.

Estes jornais tinham em comum o fato de publicarem textos nos quais era perceptível a intenção de corrigir a conduta da população, adequando-a aos padrões de comportamento desejados pelos intelectuais da época, assim como pelas camadas abastadas e pela administração pública. Para estes, condutas como a vadiagem, o alcoolismo, a prostituição, entre outras, eram tidas como transgressões, como práticas que deveriam ser evitadas, pois representavam atentados contra a ordem pública.

Porém, apesar dessas semelhanças entre os periódicos estudados, percebemos singularidades existentes no Jornal *O Nordeste*. Uma delas se refere à própria intenção do seu fundador no momento de sua criação. Desde esse momento, deixou-se claro o papel que a folha teria de militância em prol dos ideais católicos, de moralização da população e de intervenção em seu modo de pensar e agir. Mas, além disso, *O Nordeste* teve como característica própria do seu discurso uma busca em adequar as ideias de modernidade e de progresso, defendidas pelos intelectuais da época, aos princípios da religião católica.

Desta forma, percebemos a existência da dualidade entre a “civilização” que era desejada pelos seus redatores e a modernidade negada pelos mesmos. Ao mesmo tempo em que estes defendiam costumes civilizados para os fortalezenses, principalmente para os mais pobres, criticavam comportamentos tidos como modernos, praticados principalmente pelas camadas abastadas, os quais contrariavam a moral católica. Desta forma, o periódico buscou ajustar os hábitos da população de maneira que unisse civilidade e ensinamentos religiosos no modo de agir destas pessoas.

Outra característica que, no nosso ponto de vista, foi relevante para a escolha do *O Nordeste* como tema de pesquisa é a adoção do campanhismo como *estratégia*¹ para que mobilizar a população e para recorrer ao poder público, a favor dos seus interesses. Ou seja, ele teve uma participação diferenciada em relação aos outros periódicos do mesmo período, pois ele não só divulgava suas ideias, mas também procurava outras formas de contribuir para que os “maus comportamentos” fossem combatidos, principalmente fazendo com que a polícia os reprimisse.

Assim, além de tentarem disseminar seu ponto de vista a respeito de como a população deveria agir, os redatores do periódico davam início a diversas campanhas moralizadoras, a fim de movimentar tanto os poderes públicos como a própria população para combaterem os “maus costumes”, que muitas vezes eram retratados como problemas sociais.

Desta forma, quando julgavam que determinada conduta deveria ser reprimida, lançavam tais campanhas e pediam a ajuda dos leitores para que denunciasses as pessoas que as praticavam e os locais onde elas aconteciam. Assim, estas campanhas consistiam na publicação de textos moralizadores a respeito do comportamento dos habitantes da cidade, e também em queixas e denúncias feitas tanto pelos redatores da folha como pelo seu público. Elas tinham também a intenção de cobrar das autoridades as providências necessárias para que tais hábitos fossem controlados.

¹ Este conceito será discutido mais adiante.

Como podemos perceber, desde a fundação do periódico aqui analisado, esteve bastante clara em suas publicações a intenção, tanto de seu fundador como de seus redatores, de defender os interesses católicos e de moralizar o público leitor. Por esse motivo, escolhemos o ano de 1922 como sendo o ponto de partida desse trabalho.

Finalizamos nosso recorte temporal no ano de 1927, pois, diante de nosso trabalho de pesquisa, percebemos uma diferenciação no modo de proceder e até mesmo na confecção do jornal e dos assuntos abordados. Isso porque este foi um ano de crescimento para *O Nordeste*. Ele passa a ser o diário de maior assinatura do estado e começa a ter duas publicações por dia, uma de oito páginas pela manhã e uma de quatro páginas pela tarde, ou seja, seu número de páginas triplicou. No entanto, os textos que se referem ao comportamento da população diminuem consideravelmente ao mesmo tempo em que aumentam os espaços para a publicação de assuntos variados, como as notícias do país e do mundo, as sessões de contabilidade, de esportes, de literatura, e a página jurídica.

Tendo esse recorte temporal definido para nossas reflexões e pensando na percepção das singularidades citadas acima, procuramos atentar-nos, para as seguintes questões: Como se davam as estratégias discursivas no jornal para conseguir difundir comportamentos adequados aos ensinamentos do catolicismo? Quais princípios morais eram difundidos para sociedade fortalezense por parte deste periódico? O que motivou *O Nordeste* a defendê-los?

EM DEFESA DO CATOLISIMO CEARENSE: O NORDESTE NO COMBATE AOS NOVOS COMPORTAMENTOS

Ao estudarmos a História do Brasil, podemos perceber que a Igreja Católica foi uma instituição de grande influência na sociedade brasileira, desde a colônia. Porém após a proclamação da República, com a nova constituição, que tornou o Brasil um estado laico, essa influência foi ameaçada, pois, juridicamente, ela não faria mais parte da esfera pública, e sim da vida privada da população, o que poderia diminuir o seu poder de influência na sociedade. Assim, com a separação entre a Igreja e o Estado, houve um interesse por parte daquela em buscar manter seu espaço como uma das principais e mais poderosas instituições do país. Dessa forma, o clero buscou novos meios de divulgação da religião e de aproximação com os fiéis².

² PARGA, Francisca Rafaela. “Contra a semente da desordem”: imprensa católica e fascismo Fortaleza/CE (1922-1930). Dissertação Mestrado em História Social. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2012.

Como estratégia para seu plano, foi dada uma atenção especial à imprensa, na intenção de obter uma maior influência na vida pública. Assim, as décadas de 1910 e 1920 tiveram como características a proliferação de jornais católicos em todo o país. Para realizar essa empreitada, os clérigos contaram com a ajuda fundamental de leigos que, na condição de redatores ou colaboradores das folhas confessionais, atuaram numa busca pela mobilização da população católica no cumprimento dos interesses da religião³.

No Ceará, *O Nordeste* foi o principal jornal a exercer essa função. Para o sucesso da folha e para a defesa da religião, foi de grande destaque o trabalho de militância realizado por membros do clero, como Dom Manuel, com a fundação e o apoio à gazeta; e Monsenhor Tabosa Braga, com suas colaborações em forma de textos para a publicação, e com agenciamentos de venda nas missas e nos interiores do estado; e, em menor grau, o Padre A. Pequeno, com seus textos moralizadores, entre outros.

Ademais, foi indispensável a ajuda de intelectuais leigos para a ação católica. Estes eram homens de influência na sociedade fortalezense. Em sua maioria professores e advogados, membros de instituições como a Academia Cearense de Letras e o Instituto Histórico, sendo ainda ligados à política local⁴. Frequentando variados espaços da cidade, eles levavam os ensinamentos católicos para uma quantidade considerável de pessoas. Além disso, davam uma maior credibilidade ao discurso religioso, já que estavam ligados à academia.

Para que a folha obtivesse sucesso, era preciso conquistar um número grande de leitores os quais o periódico pudesse influenciar. Assim, não foram poupados esforços para garantir que isso se concretizasse. Em relação à sua produção, buscou-se acelerar a confecção com máquinas que imprimissem de maneira mais rápida. Em relação à distribuição, foram utilizadas algumas formas de publicidade para o jornal, bem como maneiras de facilitar sua venda – a divulgação feita pelos próprios leitores e pelos padres durante as missas, a venda nas igrejas após as celebrações, as agências de comercialização do periódico em diferentes locais da cidade e ainda o envio de representantes para realizar as assinaturas no interior⁵.

Todos esses agenciamentos foram realizados para garantir a recepção da folha pela população e, desta forma, assegurar que seus discursos e ideias fossem difundidas não somente em Fortaleza, mas em grande parte do estado do Ceará. A intenção, principalmente, impedir que as novidades trazidas pela modernidade afastassem os fiéis dos princípios do catolicismo. Por

³ LIMA, Janilson Rodrigues. **Em defesa da fé e da família**: intelectualidade católica e as estratégias para o restabelecimento de um padrão comportamental em fortaleza (1936 – 1941). Dissertação (Mestrado em História e Culturas). UECE. Fortaleza, 2013.

⁴ Ibid.

⁵ FURTADO, Tânia Cristina Tavares de Andrade. **O Nordeste**: trajetória de um jornal católico. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, Monografia de graduação, 1990.

esse motivo os textos publicados traziam fortes críticas a algumas novidades, consideradas “perversoras” e incentivavam aos leitores a evitá-las:

Há nestas linhas um feixe de conceitos que precisam ser meditados pelos paes de família que tento se desinteressam, hoje em dia, pelo futuro dos seus filhos. A educação do cinema perversor, das modas indecorosas e das dansas sensuais vae levando a sociedade, do ponto de vista moral, ao abysmo de uma ruina irreparável.⁶

O texto acima foi retirado das páginas do *O Nordeste* e retrata sua posição a respeito de algumas das novidades que chegaram com a urbanização de Fortaleza e com os anseios por modernidade que as camadas abastadas tinham naquele momento: o cinema, a moda e as danças. Estas três práticas foram alvo de críticas, nas páginas da folha, a partir das quais se buscou de diversas formas impedir que a população aderisse a elas, sendo retratadas na maioria das vezes como imorais, principalmente quando relacionadas com os jovens e com as mulheres.

Com uma maior aproximação comercial entre Fortaleza e outros centros urbanos brasileiros e, principalmente, europeus, existente desde meados do século XIX e intensificada no início do século XX, os setores dominantes passaram a buscar se aproximar cada vez mais da civilidade, da urbanidade e da modernidade, espelhando-se principalmente no modo de vida existente nas cidades europeias, a exemplo de Paris⁷.

No entanto, aquele também foi o momento em que a Igreja Católica buscou manter-se como uma das instituições mais influentes na sociedade brasileira, já que não era mais a religião oficial do país. Desta forma ela se utilizou de ferramentas que pudessem lhe auxiliar nessa tarefa, a imprensa foi uma delas⁸. Através da imprensa a Igreja orientava a população a pensar e agir de acordo com os seus princípios, ao mesmo tempo em que combatia as ideias e comportamentos que desviassem os fiéis do seu caminho.

O cinema, a moda e as danças “modernas” foram vistos pela instituição como fortes ameaças ao seu poder de influência e como inspiração para a descristianização da nação brasileira. Por esse motivo, através dos artigos, notícias, etc., *O Nordeste*, representando o catolicismo, atuou criticando estas novas práticas, aconselhando os leitores a não aderir a elas, e dando exemplos dos males que elas poderiam proporcionar para o indivíduo e para a sociedade.

Através da análise dos textos publicados na folha, notamos seu interesse em impedir a prática destes novos costumes. Desta forma, tendo percebido a reincidência insistente destes assuntos e ainda compreendendo que eles se relacionavam entre si, no sentido de representarem

⁶ OS DESERTORES da vida 13 de fevereiro de 1926, p. 2.

⁷ PONTE, Sebastião Rogério. *Fortaleza Belle Époque* – reformas urbanas e controle social (1860-1930). Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha/Multigraf Editora Ltda, 2001.

⁸ PARGA, Francisca Rafaela. Op. Cit.

ameaças ao catolicismo, trazidas pela modernidade, resolvemos discutir o discurso do periódico em relação a estas práticas, assim como a sua atuação no combate a elas, que eram consideradas imorais por romperem com os padrões morais definidos pela igreja, caracterizados, entre outras coisas, pela religiosidade, pelo recato e pelo decoro.

Na década de 1920 o cinema era uma das principais formas de lazer existentes na cidade. Com a fundação das salas de luxo, os setores da população que possuíam um melhor poder aquisitivo os frequentariam como forma de distinção social, já que eles cobravam um valor de ingresso mais alto que os demais.

Além de representarem a modernidade pela sofisticação das suas instalações, os filmes estrangeiros também poderiam ser vistos como diversão civilizada e às vezes como demonstrativo de comportamentos a serem seguidos⁹ (LIMA, 2011).

Foi exatamente por esse motivo que a Igreja Católica o viu como uma ameaça, como um meio de perversão para a população, pois ele traria maus exemplos os quais o público seguiria. É o que nos demonstra o seguinte texto:

Os grandes males sociais modernos, no ponto de vista da corrupção dos costumes, o excesso das modas, a leviandade lamentável dos rapazes e, sobretudo, das mocinhas, os escândalos dos bailes e das avenidas, nós os demos, incontestavelmente, e antes de tudo, à perversão do cinema.

O povo é, verdadeiramente, o que o virtuoso Mons. Tabosa chama com mais lata acepção, o escravo das platéas; mas, particularmente, o súbdito das exibições cinematográficas ou teatraes que se infiltram e peneram nas consciências, avaliando-as, denegrindo-as, anulando-as.

E o que se percebe a cada instante, o que em todos os momentos se verifica, até mesmo em Fortaleza, onde a sedução do máo teatro e do máo cinema dia a dia mais e mais se intensifica, com doloroso desencanto para os que acompanham o desenvolver da nossa sociedade. (A PERVERSÃO do cinema, 9 de setembro de 1924, p.1).

O cinema é representado como degradante para o indivíduo e como uma decepção para os que acompanham o desenvolver da sociedade. É interessante perceber que o autor aponta como males sociais a moda e os bailes, que naquele momento, juntamente com os filmes, eram vistos pela parcela abastada da população como sinônimo de modernidade. No entanto o cinema, acompanhado do teatro, é retratado como o maior perversor, pois era através dele que as pessoas viam exemplos de comportamentos, de vestimentas, entre outros. Sendo assim, do ponto de vista da Igreja, era através dele que as pessoas aprendiam a seguir a moda, a dançar os ritmos modernos e a praticarem "maus comportamentos".

⁹ LIMA, Francisco Gildemberg de. O cinema como diversão "saudável": o discurso médico sobre as salas de cinema em Fortaleza (1910 e 1930). **Revista Cordis: Revista Eletrônica de História Social da Cidade**, n. 7, 2011. Disponível em: <www.pucsp.br/revistacordis>. Acesso em: 05/01/2015.

Com esse pensamento, *O Nordeste* buscou chamar atenção dos pais, para que não permitissem que seus filhos frequentassem as salas de exibição, e da administração pública para que tomasse providências, principalmente realizando a censura do conteúdo das fitas, impedindo assim que os filmes viessem a trazer más influências para seus espectadores.

Esse tipo de discurso foi publicado principalmente entre os anos de 1924 e 1927. Acreditamos que o motivo da predominância do tema nesse espaço de tempo seja porque esse era o período em que as salas de cinema se popularizavam como locais de diversão tidos como modernos. Já que pelo menos os dois cinemas mais luxuosos da cidade, Majestic e Moderno, haviam sido inaugurados há poucos anos, 1917 e 1921 respectivamente.

No trecho seguinte, a folha faz um apelo às mães para que não deixem seus filhos frequentarem o cinema, ao mesmo tempo em que as culpa por permitirem que estes frequentem o local:

Ai de vós, ó mães, que descudaes da educação christã dos vossos filhos!

[...]

E, ao invés de, nessas horas, receberem os filhos os ensinamentos maternos, e, como outrora, balbuciarem, aprendendo, as palavras divinas do Padre Nosso, são, agora, do ambiente mortífero do cinema, testemunhas assíduas dos espetáculos mais horripilantes, das horripilâncias mais abomináveis.

Desgraçadas mães!

Terrível castigo vos espera talvez ainda neste mundo, em que os mesmos filhos serão instrumentos da justiça divina para vos amargurarem os últimos dias.

Um dia haveis de chorar lágrimas de sangue!

Vossos filhos, creados sem Deus, nascidos na descrença, alimentados pelo mundanismo, tonificados pelo vinho inebriante e seductor do vosso exemplo pevertido, serão os espinhos – muito mais – os cravos lancinantes que lhes irão de crucificar no madeiro aspérrimo de uma velhice.

[...] ¹⁰

Percebe-se a importância que as mulheres tinham na educação dos filhos e, ao mesmo tempo, a responsabilidade que elas carregavam com isso. Para a Igreja, era papel da mãe ensinar os filhos a agirem de acordo com a moral cristã, a partir do momento que ela adere ao modo de vida tido como moderno, classificado como imoral, e permite que seus filhos que também o façam, ela passa a ser vista como uma das principais culpadas pela desmoralização da sociedade.

Como maneira de tentar persuadi-las, o autor procura amedrontá-las afirmando que elas seriam castigadas por Deus e que os próprios filhos seriam os instrumentos de seu sofrimento. Ele utiliza elementos do próprio imaginário católico, que remetem a ideia de punição, na intenção de causar o temor a quem lê. Podemos identificar, como exemplo disso no texto, a

¹⁰ VERDADES, 24 de dezembro de 1927, p. 5

alusão feita à crucificação de cristo e à justiça divina, ou seja, expressões que tinham um significado forte de sofrimento para os membros da religião.

Notamos, desta forma, que *O Nordeste* utilizou-se de estratégias para coagir os leitores a não frequentarem os cinemas e a impedirem que outros frequentassem e também para convencê-los dos males que eles poderiam causar. Uma destas estratégias foi a crítica cinematográfica feita dos filmes que seriam exibidos na cidade. Estas traziam descrições ou justificativas para que os leitores, principalmente as mulheres, não assistissem aos filmes considerados indecentes.

Segundo Marcio da Silva¹¹, nesse período aumentou significativamente a presença de mulheres nos cinemas do mundo todo. Isso porque, com as modificações nas práticas cinematográficas, elas passaram a ser um dos públicos alvo das produções, sendo algumas destas voltadas especificamente para elas. Isso teria feito também com que estas fossem muito influenciadas pelo modo de viver das personagens dos filmes e buscassem imita-las.

O cinema teria, de fato, modificado os comportamentos das mulheres, acostumadas a sair apenas para as missas, procissões, novenas, etc., agora passam a frequentar locais de diversão, como o cinema, o teatro e os bailes e passam a buscar vestir-se de acordo com a moda, acompanhando-a no corte do cabelo, na maquiagem e na maneira de agir¹².

Rodrigues *et al*¹³ afirmam que, naquele período, "do cinema retiravam as donzelas os novos modos de viver, dele importavam frequentemente as modas, desde o vestido ao penteado, mas também as mais modernas formas de amar e os novos tipos ideais de beijar". Exatamente por esse motivo as mulheres eram também um dos maiores alvos de crítica nas páginas do *O Nordeste*, já que do ponto de vista dos católicos, ela deveria ser recatada, cumprir seu papel de mãe e esposa e evitar outras atividades que não condissessem com a imagem de pureza que ela deveria passar. Caso ela não cumprisse essas atribuições, toda a família se prejudicaria moralmente, pois ela era a responsável pela educação dos filhos e deveria manter os princípios morais da família.

Outro público que gerou uma grande preocupação por parte da Igreja foram as crianças e os jovens. Por ser um grupo cuja personalidade ainda estaria em formação e, por isso poderia se influenciado com uma maior facilidade.

¹¹ SILVA, Márcio Inácio da. **Nas telas da cidade**: Salas de cinema e vida urbana na Fortaleza dos anos de 1920. Dissertação (Mestrado em História Social) Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2007.

¹² SILVA, Diocleciana Paula. **Do Recato à Moda**: Moral e Transgressão na Fortaleza dos anos 1920. Dissertação (Mestrado em História Social) Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2004.

¹³ RODRIGUES, Walter *et al*. Moda e Élités nos anos 20. In: **Revista Sociologia** - Problemas e Práticas. Nº5, Outubro de 1988, p. 200. Disponível em: <<http://sociologiapp.iscte.pt/pdfs/35/393.pdf>> Acesso em: 10/05/2014.

Recebemos a grave denúncia de que, na praça Marquês do Herval, a um pequeno cinema para crianças, onde se exibem fitas immorales a ponto de ser vedado o ingresso de meninas, ali.

Há, porem, grande affluencia de meninos, que, assim, se vão pervertendo na escola de depravação moral.

Chamamos atenção da policia para essa denuncia¹⁴.

O discurso demonstra uma preocupação de coibir os filmes e as cenas inadequadas aos preceitos religiosos desde a mais tenra idade, já que por estarem com personalidade ainda em formação, as crianças poderiam ser mais influenciadas pelas cenas imorais. Do mesmo modo que, se o acesso das crianças a este tipo de produção fosse negado, a possibilidade de um adulto distante dos costumes exibidos naqueles filmes pareceria maior.

Através desta denuncia percebemos novamente a distância existente entre o recomendado pelo jornal e o que ocorria. Mesmo o periódico tentando cumprir a função de baluarte da moral católica, ele não tem poder prático para impedir o acesso das crianças a essas fitas, desta maneira tendo que solicitar a ajuda da polícia para coibir o acontecido.

Do mesmo modo que *O Nordeste* buscou influenciar o pensamento dos leitores a respeito do cinema, também buscou, através de seus discursos, impedir que, principalmente as mulheres, aderissem à moda:

Tens segredos revelados
Pela escassez dos vestidos
Fazem que os teus namorados
Não permaneçam iludidos¹⁵

O poema supracitado foi publicado no *O Nordeste* em 26 de dezembro de 1924. O autor aponta um aspecto da moda dos anos 20 que foi bastante criticado pelos mais conservadores: a “nudez” dos vestidos. Nesse período as mulheres, principalmente as das camadas de melhor poder aquisitivo, foram alvos de censuras, nas páginas da gazeta, por terem aderido à moda proveniente de Paris, que tinha como suas principais características as saias curtas, os decotes e a ausência de mangas, deixando as pernas, os braços e o colo à mostra. *O Nordeste*, como representante da moral católica, atuou vigorosamente no combate ao uso desse tipo de vestimenta, assim como à adesão às demais novidades que fariam parte do estilo de vida da mulher tida como moderna naquele momento.

Mesmo trazendo entre os reclames anúncios de lojas de tecido, de alfaiates, de produtos de beleza, etc., criticou fortemente as mulheres que a seguiam à moda, assim como buscou de

¹⁴ CINEMA imoral, 30 de julho de 1924, p. 2.

¹⁵ O NORDESTE, 26 de dezembro de 1924, p. 4.

várias maneiras impedi-las de aderir a ela, seja incentivando os homens a proibi-las de vestirem-se de maneira tida como vulgar, seja buscando convencê-las de que a moda traria o mal para a sociedade, ou seja, condenando a paixão ao luxo.

Eis mais uma *molestia* que todos os dias faz milhares de vítimas no seio das sociedades modernas. É uma verdadeira paixão que domina não só indivíduos, como famílias inteiras.

[...] A mulher, deixando-se arrastar pelas modas românticas, por diversões quotidianas, vai perdendo o gosto pelo labor doméstico, não tem amor à casa e fiscaliza a despesa, tem horror à cozinha e não se entusiasma pelos filhos.

As filhas seguem os exemplos das mães e escravizam-se aos *prejuizos* que enchem a sociedade moderna.

Não vemos [ilegível], em certos meios, o pudor pela ostensiva indecência das vestes exageradamente curtas?!

[...] O luxo tresloucado dos presentes tempos é um dos grandes factores das desuniões domésticas.

Quantas esposas exigem dos seus maridos despesas acima dos seus recursos?

Quantas filhas não sacrificam a seus pais?¹⁶

Note que Monsenhor Tabosa compara a paixão ao luxo a uma doença contagiosa espalhada pelo mundo. Este cita como males para a mulher não só a moda, mas também as diversões. No caso de Fortaleza, sabemos que as diversões eram os cinemas, bailes, teatro, além das praças. Podemos ver neste texto qual era o ideal de mulher defendido por Tabosa. De acordo com este, a mulher deveria cuidar da casa e dos filhos e seu lugar deveria ser a cozinha. Seguir a moda e sair de casa para divertir-se seria uma fuga a esse perfil.

Os locais de diversão, além de tirarem a mulher dos seus afazeres domésticos, também eram disseminadores da moda, pois era lá que as mulheres exibiam suas roupas. Ao ver outras mulheres vestindo determinado modelo ou acessório, estas poderiam ser induzidas a copiar. Além disso, poderia existir nestes locais uma espécie de competição a respeito de quem estaria mais bem vestida e de acordo com as tendências, o que levaria estas a desejarem adquirir mais novidades.

O autor critica também a falta de repressão às roupas curtas das mulheres em alguns meios e afirma ser o luxo o causador de problemas de relacionamento entre homens e mulheres, sendo que o homem, seja ele esposo ou pai, aparece como a vítima da moda.

Como vimos, a folha buscava-se alertar os homens, incentivando-os a reprimirem suas esposas e filhas, mas também se tentava convencer as mulheres a não aderirem à moda. Como no seguinte trecho:

¹⁶ TABOSA, 12 de julho de 1922, p. 4

HISTÓRIA E CULTURAS

Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico em História da UECE

As inteligentes, as mulheres que se prezam a nobreza do seu raciocínio tem resistido... Não se prestam a se exibirem em publico feito uma Garçonne social! Attenda-se a voz do bom senso! Á futilidade desfibriladora do character e de intuitos antipatrioticos, evidentemente corrosivos, oponha-se a moda nacional, absolutamente conforme as nossas tradições chistãs e brasileiras!¹⁷

O jornal se utiliza em seu discurso da aproximação entre inteligência e religião. A mulher inteligente escolheria os preceitos cristãos e resistiria às tentações da nova moda.

É interessante perceber que se buscava convencer os leitores de que aderir à moda seria uma atitude antipatriótica. Assim, uma mulher cristã e que tivesse amor à sua pátria deveria evitá-la, já que do ponto de vista da Igreja a moda traria malefícios para toda a sociedade brasileira e não somente para o indivíduo em si.

Com esse argumento, o que se pretendia era passar para o leitor a ideia de que somente a religião, com seus ensinamentos e princípios morais, seria capaz de salvar o país de seus problemas sociais. Esse discurso é constantemente transmitido nas páginas do periódico, desde sua fundação.

O Nordeste, então, teria a função de representar esses setores conservadores da sociedade fortalezense, combatendo a moda através de seus discursos, aconselhando as mulheres a não aderirem a ela, incentivando os maridos a impedirem que suas esposas se vestissem de acordo com essas tendências, e aos pais a proibirem suas filhas de se vestirem com as roupas da moda.

Assim como a moda, as músicas e danças tidas como modernas foram constantes alvos de crítica nas páginas do *O Nordeste* no período por nós analisado. Devido ao seu ritmo mais agitado e à proximidade entre os corpos no momento da dança, estilos musicais como o foxtrot, o tango, o shimmy, o one step, o charleston, o maxixe, etc, foram combatidos pelos católicos, que buscavam evitar o afastamento da população dos ensinamentos da Igreja.

Como falamos anteriormente, a moda feminina, como símbolo de modernidade, teria ganhado a simpatia das classes abastadas da população, principalmente das mulheres. Assim como a maneira de ser vestir, as músicas e danças estrangeiras ganhariam a adesão deste grupo por serem sinais de urbanidade.

Esse era um momento em que as camadas em ascensão viram como necessidade a criação de novos meios de distração e locais de socialização. As relações com as culturas de outros países e o interesse destes setores abastado em se tornarem “modernos” influenciariam na adesão a ritmos musicais e danças estrangeiras¹⁸.

¹⁷ A MODA nacional, 11 de abril de 1927, p. 4

¹⁸ SILVA, Diocleciana Paula. **Do Recato à Moda: Moral e Transgressão na Fortaleza dos anos 1920.** Dissertação (Mestrado em História Social) Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2004.

Os clubes sociais passaram a ser os preferidos das classes economicamente privilegiadas. Esse prestígio se deu porque os clubes eram espaços exclusivos desses grupos. Para frequentá-los deveria ser associado e pertencer ao grupo estabelecido, ou seja, fazer parte dos grupos em ascensão, composta principalmente por profissionais do comércio, que se afirmavam economicamente e buscavam ganhar visibilidade social. Os clubes teriam sido criados exatamente para ser o espaço de lazer dessas pessoas, para dar-lhes exclusividade, distinguindo-os socialmente do restante da população, e também para reforçar seu *status* de civilizados perante a sociedade¹⁹.

As festas nos clubes, segundo Silva²⁰, “movimentavam o cotidiano das elites e divulgavam as novidades e comportamentos”. Desta forma, o baile servia de “vitrine” dos hábitos estrangeiros, assim como da moda e das músicas vindas de outros países. A autora diz ainda que por serem restritas a alguns grupos sociais, esses locais acirravam a disputa por popularidade entre seus frequentadores. Naquele momento seria mais popular quem demonstrasse mais elegância e estivesse de acordo com as tendências estrangeiras. Assim, nesse momento, há uma adesão a ritmos musicais tidos como modernos.

Em seu trabalho sobre os carnavais de Fortaleza, Carlos Henrique Barbosa²¹ assinala que no início do século XX houve mudanças nos ritmos musicais e nas performances durante as danças. Nos carnavais do século XIX, até seus últimos anos, era comum os foliões se divertirem ao som de valsas vienenses, quadrilhas, lanceiros, etc. já nas décadas de 1920 e 1930, os sócios dos clubes teriam passado a valorizar ritmos como o fox-trot, o ragtime e o jazz.

No entanto, para a Igreja, estes ritmos seriam vistos como uma ameaça ao pudor, principalmente das “moças de família”. A movimentação e a proximidade dos corpos poderiam ser um incentivo para a perversão, visto que gerariam um aumento dos desejos sexuais e, desta forma, propiciariam o pecado. Vejamos o seguinte texto:

Os bailes tal como se fazem em nossos dias, estamos certos que nem as mães nem as filhas que se chamam catholicas podem assistir a eles; porque, dado o ambiente que se respira ali, o canto, a música, os vestidos, a concorrência, os movimentos, a desenvoltura geral, não são outra coisa senão a reunião de todos os vícios e o convite ao desenfreamento da concupiscência e da impureza.

Nos bailes se acham todos os incentivos para acender o fogo das paixões; razão porque são indignos das almas remidas com o sangue de Jesus Chisto. Nelles quebram as promessas do Santo Baptismo e se commettem inumeraveis peccados.

¹⁹ Ibid.

²⁰ Ibid., p. 77.

²¹ BARBOSA, Carlos Henrique Moura. **A cidade das Mascaras: Carnavais na Fortaleza das Décadas de 1920 e 1930.** (Dissertação – Mestrado em História Social) Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2007.

É preciso confessar que a candura e a inocência da juventude só milagrosamente podem sair illesas da immoralidade que se respira nos bailes. Dos bailes saem essas moças innesperientes que afundam nos mais hediondos lodaçais; dos bailes saem os desgostos e desavenças entre os casados, a separação dos cônjuges e o mau exemplo dos filhos; dos bailes saem todas essas desordens, pecados e delictos impossíveis de enumerar que terminam nos [ilegível] tormentos eternos.²²

O articulista aponta todo o ambiente dos bailes como pernicioso para as famílias e principalmente para as mulheres. Para os mais conservadores, eles seriam, como o próprio texto diz, um “convite” ao pecado. O baile seria o local onde se ganharia a atenção do sexo oposto e teria uma maior facilidade de aproximação com este. Por esse motivo, os católicos não deveriam frequentá-lo, segundo a opinião expressa no jornal. Este facilitaria a sedução das moças inocentes e a traição entre os casais.

Com tais justificativas, buscava-se convencer os leitores de que a dança não deveria ser praticada por eles. No dia 05 de abril de 1926, foi publicado um texto intitulado “Razões porque um cristão não pode dançar” no qual argumentou-se sobre os males que a dança poderia causar e justificou-se a condenação desta por parte da Igreja.

As danças praticadas nestes locais eram mais livres e remetiam à sensualidade, além disso, não necessariamente as pessoas teriam um único par para dançar nos bailes, o que poderia facilitar o adultério, ou até mesmo representar a perversão. É feita, por exemplo, a referência a homens que deixam suas esposas para dançarem com outras mulheres.

É apontada ainda a relação que os bailes tinham com as modas, consideradas indecentes. Isso porque as pessoas selecionavam as roupas especificamente para usarem nos bailes, as quais, pelo que se pode observar no texto, eram tidas como imorais.

Portanto a maior liberdade dada ao corpo feminino pela moda à *garçonne*, segundo os autores, iriam possibilitar que as mulheres dançassem de uma maneira que elas não conseguiam anteriormente, porque suas roupas a atrapalhavam. Ou seja, para os autores, a moda e a dança da década de 1920 iriam ser influenciadas mutuamente.

De fato, foi após a I Guerra Mundial que se acentuou a difusão dos ritmos dançantes, especialmente os norte-americanos, como moda na Europa e, conseqüentemente, países do Ocidente. De acordo com Carlos Henrique Moura Barbosa²³, as distribuidoras norte-americanas ganharam destaque na indústria fonográfica e cinematográfica, aproveitando-se das dificuldades enfrentadas pelos países europeus no pós-guerra. O nascimento da cultura de massa no final do século XIX também influenciaria o predomínio das músicas em forma de canção e dos gêneros dançantes.

²² OS BAILES, 18 de janeiro de 1923, p. 3.

²³ BARBOSA, Carlos Henrique Moura. Op. Cit.

Assim, após a guerra, o jazz, nascido nos Estados Unidos, identificado como música popular, ganha popularidade na Europa e passa a influenciar a música ocidental e urbana. A partir daí, ao se ouvir uma música, não se buscava apenas apreciar seus acordes, mas também um ritmo dançante e animado. Do jazz e da sua animação surgiram ritmos dançantes como o foxtrot, o shimmy, e o one-step. Deste modo, música e dança se complementam e ganham destaque como forma de entretenimento da vida nos grandes centros urbanos²⁴.

O Nordeste teria usado vários artifícios para combater estes novos ritmos que chegavam e ameaçavam a influência do catolicismo na cidade. Assim, através de artigos e notícias buscou-se interferir na conduta dos leitores, na intenção de dificultar sua adesão a tais gêneros tidos como imorais. Mas esta seria uma tarefa difícil, visto que, principalmente para as camadas abastadas, tais gêneros seriam sinal de cosmopolitismo, urbanidade e civilidade.

A respeito das exigências que haviam na época para que uma moça fosse considerada civilizada, a folha publicou o seguinte conteúdo:

A moça, ali, tem que ser sob pena de cair no ridículo, uma flôr de civilização, isto é, o mais deliciosamente frívola possível.

Deve ainda <papaguear>, em três ou quatro idiomas estrangeiros, o que em sua língua nativa seria incapaz de expressar com syntaxe correcta e logica razoável. É, mister, ainda conhecer, biograficamente, as estrelas e os astros dessa moderníssima criação: o cinematographo. Mas além, mas acima, infinitamente acima de todos estes *uteis* e *indispensaveis* conhecimentos a flor de civilização deve saber dansar!...

Saber dansar! Existirá, por ventura, alguma coisa que rivalize com isto, como fator de civilização, como escada para a perfeição moral e espiritual que a humanidade vem buscando desde que surgiu a Terra?

Certamente que não...

<Saber dansar> constitue, hoje em dia, em certas classes da sociedade, o que para os nossos avós, gente inquestionavelmente rígida e intratável a certos respeitos, representava o saber fiar e tecer, bordar e fazer renda, ordenar o amanho de uma casa e criar os filhos na lei de Deus.

E ainda mais eloquente, nesta ordem de idéias, do que a atitude de certos paes. É de vellos, num salão, á luz pletórica das lampadas elétricas, diante das jovens filhas que aos *suavísimos* accordes de um tango ou em <fox-trot> *absolutamente* <chic>, passam e repassam diante delles, nos braços do *encantador!*...

É por isso que me dirijo ás mães brasileiras, pedindo-lhes que intervenham na educação de suas filhas, aconselhando-as, orientando-as, formando-lhes o character, enfim, convencendo-as, enfim, de que podem ser, perfeitamente, as flores da civilização de que se ufanam, sem que para isso tenham que conceder ao tango e ao <fox-trot> maior importância do que a que essas dansas realmente tem.

Porque, em summa, si as civilizações foram creadas com a cabeça, não é isso razão para que as queiramos transformar... com as pernas²⁵.

Segundo o texto, a moça que não atendesse aos quesitos citados não seria considerada civilizada naquele momento. Ser civilizada, então, significava, para certas classes, estar de

²⁴ ROCHA, Francisco A. **Figurações do Ritmo**: Da sala de cinema ao salão de baile paulista. Tese (Doutorado em História Social) Faculdade de Filosofia, Letras e ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

²⁵ FLORES de civilização, 16 junho de 1924, p.1.

acordo com as tendências estrangeiras e aderir a elas em seu cotidiano. A moça abastada que se pretendia moderna buscava se aproximar o máximo possível do que estava em voga na Europa. Isso iria ser refletido na sua maneira de vestir, falar, se comportar e se divertir. No entanto, a ideia que a Igreja tinha a respeito da mulher é que ela deveria ser "prendada" e se dedicar ao lar e à educação dos filhos.

Critica-se os pais que permitem que as filhas dançam nos bailes. Se para alguns dançar representaria uma ajuda para conseguir um bom casamento, para a Igreja significaria entregar-se à sedução e ao pecado. Contudo, mesmo falando mal dos pais, a atenção maior é dada às mães, pois eram estas que teriam a função de educar as filhas. Por isso é para elas o apelo feito contra as danças das moças.

Mesmo em tom de ironia, é feita a afirmação de que tais ritmos eram considerados chiques. Mas para a Igreja, mesmo sendo chiques não eram necessários e deveriam ser evitados. O texto não se mostra contra a civilização, mas contra algumas características pontuais que ela tinha. Este é o ponto principal do texto e a nossa principal percepção a respeito de tais discursos. *O Nordeste* não buscava impedir a civilização, mas combater os comportamentos tidos como "imorais" provenientes dela. Sua intenção era exatamente convencer de que podia-se ser civilizado seguindo os preceitos do catolicismo e, portanto, ignorando os comportamentos que contrariavam os ensinamentos da religião.

Notamos que o cinema, a moda e as danças se relacionavam, naquele momento, como elementos que formariam o estilo de vida tido como moderno pelas camadas de melhor poder aquisitivo. No entanto, este estilo de vida, por ir de encontro aos padrões comportamentais defendidos pelos católicos, era visto pela Igreja como algo que perverteria a sociedade e, principalmente as mulheres. *O Nordeste*, para defender o catolicismo iria, portanto, combater tais "males" no intuito de impedir que fossem difundidos na cidade de Fortaleza.

POR UMA CIDADE ORDEENADA: O DISCURSO DO O NORDESTE NO COMBATE AOS VELHOS HÁBITOS

Para compreendermos as ideias defendidas em suas páginas, devemos percebê-lo não só como um instrumento de evangelização utilizado pela Igreja, mas também como um meio empregado por estes intelectuais laicos, membros das camadas abastadas, para defender seus interesses e seus valores. Visto desse modo, e compreendendo que, se tratando de historiografia,

a contextualização temporal e a espacial andam juntas na delimitação de um objeto, consideramos necessário pensar na cidade de Fortaleza daquele período.

Segundo Ítalo Calvino:

Poderia falar de quantos degraus são feitas as ruas em forma de escada, da circunferência dos arcos dos pórticos, de quais lâminas de zinco são recobertos os tetos; mas sei que seria o mesmo que não dizer nada. A cidade não é feita disso, mas das relações entre as medidas de seu espaço e os acontecimentos do passado²⁶.

Como sugere Calvino, o que interessa na cidade não é sua parte física, mas sim a relação entre seu espaço e seus habitantes. São as práticas sociais vivenciadas neste espaço e também os seus significados que fazem a história. Pensando nessa conexão entre a cidade e as práticas sociais nela existentes, compreendemos que, ao entender o momento pelo qual a cidade de Fortaleza passava, no início do século XX, perceberemos também muitos dos pensamentos, normas e valores nela difundidos por seus habitantes e pela sua imprensa. Afinal, o que se publicava nos periódicos era, de certo modo, reflexo do que estava acontecendo na cidade e no país naquele momento.

Na virada do século XIX para o século XX, com a Abolição da Escravidão e a Proclamação da República, as cidades brasileiras, principalmente as capitais, passaram por transformações, ocorridas nos campos político e econômico, que intensificaram o seu desenvolvimento e urbanização. Acentuou-se também, nos principais centros urbanos, uma busca em se alinhar com a modernidade, em que essas cidades deveriam, na perspectiva dos setores abastados e dos poderes públicos, ser remodeladas e disciplinadas. Nesse contexto, em Fortaleza a cidade e seus habitantes passaram a ser alvo de problematizações, surgindo a necessidade de organização do espaço urbano, o que implicava a imposição de novas regras de comportamento.

Conforme nos diz Ponte²⁷, guardadas as particularidades de cada centro urbano, ocorreu mais ou menos o mesmo processo nas mais importantes cidades brasileiras, entre o final do século XIX e a década de 1930. Processo este em que, ao mesmo tempo em que se procurava remodelar estruturalmente o espaço público, tinha-se também a intenção de adequar o comportamento da população a ele.

Procurou-se inserir nas cidades novos hábitos, cuidados higiênicos, e interesse para o trabalho. A partir de então, todos os comportamentos que não estivessem nesses moldes, seriam

²⁶ CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. 12ª Ed, São Paulo: Companhia das letras, 2006, p. 14.

²⁷ PONTE, Sebastião Rogério. *Fortaleza Belle Époque – reformas urbanas e controle social (1860-1930)*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha/Multigraf Editora Ltda, 2001.

considerados, pelos setores dominantes, obstáculos para a inserção do “progresso”. Ponte²⁸ nos diz que em Fortaleza, a partir da segunda metade do século XIX, com maior intensidade na Primeira República, ocorreram tentativas parecidas de modernização da cidade.

Maria Auxilidora Lemenhe²⁹ aponta que nesse período Fortaleza conquistou, gradativamente, sua hegemonia, no Estado, com a exportação de algodão para outras cidades do Brasil e do mundo, concentrando, dessa forma, as rendas tributárias do Ceará.

Ricardo Oriá e Gisafran Jucá³⁰ afirmam que a pretensão remodeladora da cidade se impulsionou a partir de 1860, com o aumento da exportação algodoeira, que proporcionou a emergência de novos grupos sociais formados por comerciantes enriquecidos com as importações e exportações e por profissionais liberais como bacharéis, médicos, engenheiros, jornalistas e literatos, formados nas academias de ensino superior do Brasil e da Europa. Estes compartilhavam de ideais de progresso e modernidade vindos dos grandes centros europeus e em voga nas cidades brasileiras naquele momento. Eles seriam, desta forma, idealizadores de uma remodelação para a cidade, na qual se incluiria a construção de novos equipamentos e serviços, como é o caso da instalação da iluminação a gás e da elaboração da “Planta Topográfica de Fortaleza e Subúrbios” pelo engenheiro e arquiteto Adolfo Herbster, em 1875. De acordo com Sônia Menezes Silva (2000, p. 28), “tais obras visavam principalmente a romper com a estrutura rural de pequena vila que era a base da organização de Fortaleza”.

Desde a segunda metade do século XIX, Fortaleza experimentara, também, um crescimento demográfico considerável. Em 1813 a população era de aproximadamente 12 mil habitantes e, no final do século, chegou a mais ou menos 50 mil³¹. Na década de 1920, período por nós estudado, esse número subiu para aproximadamente 79 mil³².

De acordo com Ponte³³, o crescimento da população nesse período deve-se aos seguintes fatores: o crescimento comercial, novos serviços urbanos, a industrialização, a abolição do trabalho escravo e as secas periódicas. Devido a esse aumento populacional, teriam crescido os problemas sociais, pois se dificultou o controle da população³⁴.

Por esse motivo, os poderes públicos teriam investido em medidas de disciplinarização da população, visando a implantação de uma nova ordem urbana, almejando assim o progresso e a

²⁸ Ibid.

²⁹ LEMENHE, Maria Auxiliadora. **As razões de uma cidade**: Fortaleza em questão. Fortaleza: Stylus Comunicações, 1991

³⁰ ORIÁ, Ricardo; JUCÁ, Gisafran. **De Forte a Vila e Cidade (1603-1889)**. In: SOUZA, Simone de; RIBEIRO; Francisco Moreira; JUCÁ, Gisafran; ORIÁ, Ricardo; PONTE, Sebastião Rogério. Fortaleza: a gestão da Cidade (Uma história político-administrativa). Fortaleza: Fundação Cultural de Fortaleza, 1995.

³¹ Ibid.

³² IBGE, Séries Estatísticas Retrospectivas. Volume 1, 1986.

³³ PONTE, Sebastião Rogério. Op. Cit.

³⁴ Ibid.

modernização da cidade³⁵.

Além disso, Diocleciana Silva³⁶ assinala que apesar do desenvolvimento, Fortaleza era caracterizada, na década de 1920, também pelos altos índices de pobreza, pela forte tradição católica e pelos predominantes costumes rurais, ditos provincianos. Tais hábitos, que já eram combatidos desde o século XIX, seriam alvos de críticas e de medidas de controle com uma maior intensidade no início do século XX, principalmente nos discursos dos periódicos. Para a autora,

De fato, no mesmo momento que artigos se referem à modernização de equipamentos urbanos da cidade, havia reclamações sobre lixo e festas nas ruas, precariedade de bondes, mendigos nas praças, evidenciando a contradição entre a realidade social e o projeto de sociedade presente no seio de discursos, muitas vezes veiculados pela mesma fonte jornalística³⁷.

Esses discursos, relacionados com os anseios por uma cidade urbanizada, estavam ligados às preocupações com sua organização, higienização e seu “progresso”, principalmente por parte dos setores dominantes e dos poderes públicos locais. Através dos textos publicados cotidianamente, tanto redatores como leitores de alguns jornais da cidade buscavam ajustar a conduta da população à civilização³⁸ por eles almejada. As queixas nos jornais, então, demonstravam a preocupação que seus organizadores tinham com alguns hábitos dos fortalezenses, que eram vistos como opostos à ordem na cidade. Entre estes periódicos, destacamos *O Nordeste* que foi muito atuante no sentido de induzir a população a agir de maneira civilizada.

Como já falamos anteriormente, *O Nordeste* foi fundado na intenção de disseminar as ideias católicas e defender os interesses da Igreja. Porém, vimos também que ele era produzido por intelectuais leigos, com grande influência na sociedade fortalezense. Estes, além de divulgarem sua religião, disseminariam, de acordo com seus interesses e sua visão de mundo, o seu ponto de vista sobre variados assuntos relacionados ao cotidiano fortalezense. Desse modo, através dos seus discursos publicados na folha confessional, buscariam influenciar na maneira de pensar e se comportar da população.

No caso analisado no presente trabalho, os discursos eram publicados com o objetivo de divulgar o ponto de vista de quem os produziu sobre o comportamento dos habitantes de Fortaleza. Dessa maneira, percebemos que os grupos que organizavam *O Nordeste* se utilizavam

³⁵ ORIÁ, Ricardo; JUCÁ, Gisafran. Op. Cit.

³⁶ SILVA, Diocleciana Paula. Op. Cit.

³⁷ Ibid., p. 70.

³⁸ Segundo Norbert Elias (1993), aconteceu, nas civilizações ocidentais modernas, um processo que resultou na transformação das condutas e dos sentimentos humanos, em que estes foram modelados. A esta o autor denominou “processo civilizador”.

da imprensa para disseminar seu discurso moralizador na sociedade fortalezense, buscando não só mantê-la católica, mas também ordenada e condizente com o progresso desejado por alguns setores, como as camadas mais abastadas, os poderes públicos e os próprios intelectuais.

Nesse sentido, as práticas que não condiziam com essa ordem, foram intensamente combatidas nas páginas do jornal, sendo três os alvos mais frequentes de reclamações: a falta de higiene nos hábitos da população; a vadiagem, onde se incluem a ingestão de bebidas alcoólicas e os jogos de azar; e a prostituição.

Essas três condutas incomodavam não somente por estarem contra os valores defendidos pela Igreja, como também por serem contrárias aos anseios dos setores abastados da população de modernização e civilização da cidade. Essas práticas colocavam em questão os padrões de conduta estabelecidos por estes setores à medida que representavam hábitos indesejados por eles, por serem vistos como “ímorais” e não civilizados

Um novo olhar sobre as cidades se desenha no Brasil, no final do século XIX. O saber médico, fundamentado em teorias europeias dos séculos XVIII e XIX repercute no espaço urbano brasileiro. “Nos modelos ideais de cidades, perpassa a utopia de uma cidade higiênica (física e moral), salubre, bela, harmônica, equilibrada, racional, eficiente, arborizada, ordenada, planejada, funcional, zoneada etc. onde seja garantido o bem-estar social da população”³⁹.

No caso de Fortaleza, um exemplo dessa preocupação com a salubridade e com a higiene pública foi a elaboração da “Planta Topográfica de Fortaleza e Subúrbios” (1875) pelo engenheiro e arquiteto pernambucano Adolfo Herbster, inspirado nas reformas de Paris feitas pelo Barão de Haussmann, atualizando o traçado urbano em forma de xadrez – elaborado pelo português Silva Paulet, em 1818 –, facilitando, assim, o fluxo de pedestres, veículos e mercadorias, e também a vigília dos poderes públicos sobre os cidadãos⁴⁰.

A partir dessa preocupação com a salubridade e das problematizações sobre as condições de vida é que, segundo Ponte⁴¹, o saber médico concorreu para o surgimento da Santa Casa de Misericórdia (1861), do Lazareto da Lagoa Funda – para isolar os acometidos pelas epidemias – e para a criação do Asilo de Alienados e do Asilo de Mendicidade, em 1886, criando, assim, uma estrutura hospitalar para a cidade.

Dessa preocupação em modernizar o país, veio um interesse maior com a estética das cidades e seu saneamento, e também com a higiene das habitações, visando à saúde da

³⁹ COSTA, Maria Célia Lustosa. A Cidade e o Pensamento Médico: Uma Leitura do Espaço Urbano. *Mercator* - Revista de Geografia da UFC, Fortaleza, ano 01, número 02, p.61–69, 2002, p. 62. Disponível em:

<<http://www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/article/viewFile/181/147>>. Acesso em 11/02/2014.

⁴⁰ PONTE, Sebastião Rogério. Op. cit.

⁴¹ Ibid.

população, visto que se pretendia adequar o Brasil aos modelos dos centros urbanos europeus⁴². Assim, o discurso médico se impôs como forma de controle da sociedade e de intervenção, principalmente nas massas, por parte dos poderes públicos.⁴³ Desse modo, o Estado teria se apropriado do discurso médico com a intenção de disciplinar os indivíduos, tornando-os aptos a compor uma sociedade moderna e civilizada.

Em Fortaleza, segundo Ponte⁴⁴, ocorreu de maneira parecida:

À proporção que a cidade se adensava de gente e de construções, verificou-se, por parte dos segmentos econômico-políticos dominantes e da elite intelectual locais, toda uma produção de discursos problematizando o seu processo de urbanização. Davam conta do que ela e seus habitantes precisavam ter e fazer para atingir um desenvolvimento organizado, sistematizado, saudável e civilizado.

Nesse sentido, esses discursos defendiam, além da higiene pública, como cuidados com a água, a preocupação de instalação de um sistema de esgoto e a limpeza dos logradouros, o cuidado higiênico com o corpo, ditando regras de conduta e influenciando a adesão de hábitos higiênicos para a população.

É nesse cenário que o jornal *O Nordeste* aparece como forte ferramenta de disseminação dessas ideias, que demonstram a intenção de intervir nos comportamentos dos fortalezenses, no sentido de torná-los indivíduos higiênicos. Visto isso, discutiremos a participação tanto dos organizadores do jornal como dos seus leitores na construção de uma cidade higienizada através de artigos, queixas e denúncias contra a falta de higiene na cidade.

No dia 18 de julho de 1922, o periódico publicou a seguinte denúncia:

Quem quer que passe pela praça Marquez de Herval, lado da rua Municipal, ou permaneça por algum tempo na Igreja do Patrocinio, sentirá insuportável fedentina devido a líquidos podres provindos do novo Quartel de Polícia Estadual, prédio da Phenix, de onde ultimamente se mudou o Telegrapho. Faz-se mister que o sr. dr. delegado de hygiene volte suas vistas para tão perigoso vehiculo de moléstias. Esperamos que sejam tomadas providências a respeito⁴⁵.

Podemos perceber neste trecho a preocupação existente com as doenças e a sua relação com a sujeira e os maus odores. Mesmo o jornal não fazendo referência aos discursos médicos, podemos notar sua influência na argumentação feita na folha contra os líquidos vindos do Quartel.

⁴² SILVA, Fernanda. Urbanização e higiene das cidades: engenheiros e o uso de conhecimentos-meio. In: Congresso Internacional de História. *Anais Eletrônicos*. Maringá, 2011. Disponível em: <<http://www.indev.com.br/historia/?l=trabalhos&id=355>>. Acesso em: 11/02/2014.

⁴³ MELLO, Alex Oestrich de. *et al.* O Discurso Sanitarista Como Discurso Político e Ideológico na República Velha. *Revista Historiador*, n° 03, ano 03, p. 92-106, dez. 2010. Disponível em: <<http://www.historialivre.com/revistahistoriador>>. Acesso em: 10/02/2014.

⁴⁴ PONTE, Sebastião Rogério. Op. Cit., p. 76.

⁴⁵ COM a Directoria de Hygiene, 18 de julho de 1922, p. 2.

Sobre isso, é importante notar como, em pleno século XX, o autor ainda fundamenta seu discurso centrado na ideia de que as doenças eram causadas pelos miasmas, ou seja, argumentando que o meio, caracterizado pelas águas fétidas, provocaria as moléstias nos indivíduos. Para essa época, esse já seria um pensamento obsoleto, já que a existência dos microorganismos já havia sido provada⁴⁶.

Outro ponto interessante assinalado na fonte é a existência de um delegado que tratava especificamente de assuntos relacionados à higiene na cidade. Isso demonstra que, além dos organizadores do *O Nordeste*, os poderes públicos também se interessavam pela higiene naquele momento. Mesmo assim, a folha busca chamar a atenção da população para o tema, pois já no início da denúncia, sugere-se que se vá ao local para comprovar o fato sobre o qual se fala. A estrutura discursiva do texto faz-nos perceber a tentativa do jornal de demonstrar a veracidade do fato, a fim de ganhar o apoio dos leitores na cobrança da resolução do problema.

O seguinte trecho traz um discurso parecido: “A lama que sai do interior do <Restaurante Luzitano> exala um cheiro nauseante, prejudicando deste modo a saúde pública. Muitos outros pontos desta capital reclamam as vistas daquela distinta autoridade que muito se recomendaria á gratidão publica, si levasse a efeito o necessário asseio urbano”⁴⁷. Existia uma semelhança nas queixas e denúncias publicadas sobre o tema no que diz respeito à estrutura da redação dos textos. Quase sempre se apontava o local onde ocorria a falta de limpeza, depois se argumentava que aquilo era prejudicial à saúde pública e, em seguida, se pedia às autoridades responsáveis que resolvessem o problema. No caso citado acima, a “distinta autoridade” a que se refere o autor é a prefeitura.

É interessante notar, no entanto, que somente em alguns momentos as queixas e denúncias publicadas apontam para a ideia de infecção e de miasmas. Já em outros, apontam para a ideia de contágio, ou seja, que as doenças seriam causadas pelo contato com microrganismos e não simplesmente pelo mau cheiro. A folha se apropria desses dois discursos de acordo com os casos abordados e nos momentos em que lhe são convenientes. Como no caso a seguir.

Escrevem-nos:

<Illmo. sr. Redactor d’<O Nordeste>.

Peço-lhe encarecidamente o obsequio de chamar a atenção do sr. Director de Hygiene, para que lance suas vistas sobre as barbearias de nossa capital, pois, em muitas delas, não é observado o menor preceito hygienico. É costume da mór parte de nossos

⁴⁶ CORBIN, Alain. **Saberes e odores**: o olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX. Tradução: Ligia Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

⁴⁷ COM a prefeitura, 20 de junho de 1923, p. 3.

barbeiros atender a seus clientes, com as mãos impregnadas de desagradável cheiro de fumo, e, pior que isso, durante o trabalho recebem e trocam dinheiro velho e imundo, e, sem submeterem suas mãos a uma lavagem ao menos ligeira, voltando a desempenhar o seu ofício, conduzindo milhões e milhões de micróbios á casa dos fregueses. Agradecidos pela publicação>.⁴⁸

Nesse caso, diferentemente dos citados anteriormente, a queixa feita é direcionada a locais privados e a pessoas específicas, contra seus hábitos cotidianos. Não se trata de um ambiente com lixo, de lama suja ou de maus cheiros nas ruas, mas dos hábitos dos barbeiros em seus locais de trabalho, ou seja, dos hábitos de higiene de um indivíduo. Ao mesmo tempo em que reclama do cheiro de fumo no ambiente da barbearia, o autor se apropria do discurso médico para afirmar que, ao tocar no dinheiro e, posteriormente, tocar nos fregueses sem lavar as mãos, os barbeiros estariam prejudicando-os, passando já a ideia de contágio por micro-organismos e não mais de infecção pelo odor.

Porém diz também que isso é costume de maior parte dos barbeiros da cidade, o que nos leva a compreender que a higiene ainda não estava presente nos hábitos da maioria da população, que ela ainda não teria tão clara essa ideia de que os micro-organismos conduziriam as doenças, e que o simples gesto de lavar as mãos as preveniria. A higiene, ao que parece, fazia parte de um discurso que buscava fixá-la na cidade através da correção dos hábitos da população, mas não estava ainda presente em seu cotidiano.

Como em outros locais do país, percebe-se uma busca em ditar novas regras de comportamento para os indivíduos. “O discurso médico-higienista, justificado pelo combate às doenças, acaba por produzir um adestramento dos corpos, em conformidade com um projeto de civilização, produzindo, assim, um discurso que pretende normatizar os sujeitos e seus atos”⁴⁹.

Neste trecho podemos perceber também um dos motivos dessa preocupação: os surtos epidêmicos pelos quais a cidade passava desde o século XIX, como a lepra e a febre amarela, por exemplo. Ou seja, além do interesse existente em manter hábitos civilizados, condizentes com a modernidade almejada pelas camadas abastadas, havia também a preocupação com as epidemias que assolavam a cidade. Esses motivos, no entanto, estavam relacionados, pois uma cidade “moderna”, como se queria, além de civilizada deveria ser salubre.

Pedir providências por parte da higiene e também da polícia significa que não basta só combater a falta de higiene, mas que também se deseja uma *higienização* dos modos das

⁴⁸ J.C. 15 de março de 1924, p. 3.

⁴⁹ OLIVEIRA, Iranilson Buriti de. *et al* A ordem antes do progresso: o discurso médico – higienista e a educação dos corpos no Brasil do início do século XX. *Fênix: Revista de História e Estudos Culturais*. Vol. 9 Ano IX nº 1, Jan./ Fev./ Mar./ Abr. 2012, p.7. Disponível em: <www.revistafenix.pro.br>. Acesso em: 11/02/2014.

camadas populares. Ou seja, pretendia-se não só higienizá-los fisicamente, mas também moralmente. Desse modo, a higienização também poderia ser sinônimo de normatização e disciplinarização. A noção de higienização na época se refere, portanto, ao indivíduo como um todo, aos seus hábitos e suas condutas.

Nessa perspectiva, acreditamos que o discurso medico-higienista, diagnosticando os problemas sociais e sugerindo suas soluções, teria sido apropriado em Fortaleza pelas classes dominantes associadas à imprensa e aos poderes públicos na intenção de formar cidadãos higiênicos, disciplinados, educados e produtivos, contribuindo, assim, para a construção de uma sociedade moderna e civilizada, por eles desejada.

O Nordeste, tendo como organizadores pessoas influentes entre esses grupos, foi utilizado como meio de propagação desses discursos, publicando textos que demonstravam a relação da higiene com a saúde pública, como também com o ar de urbanidade que pretendiam criar na cidade. Para isso, fundamentou-se ora na ideia de miasmas, já ultrapassada para sua época, ora na ideia de contágio por micro-organismos, apropriando-se destas como argumentação para as suas críticas a respeito da falta de higiene da população.

No entanto, mais que higienizar seus corpos, buscou-se higienizar sua conduta, visto que a noção de higiene, naquele momento, se referia também aos problemas sociais. Foi nesse sentido que houve nas páginas do *O Nordeste* uma série de comportamentos combatidos, como a vadiagem, o alcoolismo, os jogos de azar e a prostituição. Os fortalezenses deviam, portanto, agir de acordo com os valores defendidos pelos setores dominantes: a higiene, a saúde e a produtividade para o trabalho.

Florisvaldo Ribeiro Júnior⁵⁰ defende que, durante o processo de transição do trabalho escravo para o trabalho livre no Brasil, alguns hábitos como praticar jogos de azar, frequentar casas de prostituição ou prostituir-se e ingerir bebidas alcoólicas foram censurados. Essas censuras teriam seu fundamento em uma moral, através da qual se buscou introduzir algumas representações que recriminassem as citadas práticas, pois eram tidas como desviantes do trabalho. Segundo o autor, nesse momento, “separa-se o trabalho dos elementos lúdicos que o caracterizavam, e transubstancia-se os corpos dos trabalhadores em utilidades econômicas e morais, tanto nos momentos em que trabalha quanto naqueles em que se diverte, ou vive”⁵¹.

Acreditamos que este discurso, de certo modo, também se fazia presente nos artigos, queixas e denúncias publicadas nas páginas do periódico aqui estudado, à medida que ele demonstrava grande preocupação com o tema e que eram frequentes as reclamações sobre o

⁵⁰ RIBEIRO JUNIOR, Florisvaldo Paulo. Tríade do Mal: civilização dos fracos no mundo do trabalho. *Projeto História*, São Paulo, n.39, p. 179-208, jul. – dez. 2009. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/5841>>. Acesso em 13/02/2014.

⁵¹ *Ibid.*, 2009, p.180

assunto. A vadiagem, por fazer parte da vida improdutiva, era retratada pelo periódico como um grande mal para a sociedade, visto que demonstrava o desamor ao trabalho e representava o desvirtuamento dos trabalhadores. Era tida como “a mãe de todos os vícios”, e a “escola” para o crime, principalmente quando relacionada aos “menores vagabundos”.

Ao relatar a prisão de dois menores, de 12 e 14 anos de idade, por terem praticado roubos, o periódico afirma: “Estão já aparecendo os efeitos malefícios da nefasta educação das ruas, em que menores de pouca idade se perdem tornando-se desde cedo criminosos”⁵².

Com esse argumento, de que as ruas seriam escolas para os vícios e os crimes, foi que *O Nordeste* iniciou, no ano de 1924, uma campanha moralizadora contra a “vagabundagem” dos menores em Fortaleza. O seguinte trecho relata a sua criação: “Há dias em reportagem de sensação retratamos flagrantes da vida aventureira de menores vagabundos em fortaleza. E assim demos inicio a uma campanha moralizadora em favor dos menores, que nas ruas da cidade se entregam a vagabundagem”⁵³.

Essas campanhas consistiam em publicações feitas nas páginas do jornal a respeito de um determinado tema considerado pelos seus redatores como um problema que merecia a atenção e a mobilização da população e dos poderes públicos. As publicações continham, na maioria das vezes, reclamações ou denúncias feitas por leitores ou pelos próprios organizadores do jornal, a partir das quais se combatia certas práticas (neste caso específico, por exemplo, se tratou da vadiagem) e cobrava providências por parte das autoridades.

Podemos notar que os redatores do *O Nordeste* não se contentavam apenas em criticar a vadiagem existente na cidade. A folha exerceu papel ativo no combate a essa prática, não apenas com suas críticas, mas também na liderança de campanhas moralizadoras e na cobrança de providências por parte das autoridades:

É o governo que não toma medidas sobre este momentoso problema de menores abandonados.

Ainda não possuímos como os grandes estados, um Patronato Agrícola da Infância, onde sejam educados os pequenos vagabundos, trabalhando, no cultivo dos campos, e, assim, retirados da vida intensa das urbes, onde se vão treinando para o vício e para o crime, dando-nos desses espetáculos tristes de miseria, em pleno centro de uma das mais populosas e mais lindas cidades do coração do Nordeste!⁵⁴

Mais uma vez, é passada a ideia de que o fato de viver nas ruas, e, principalmente, de não serem educados de maneira que partilhassem da lógica do trabalho, influenciaria as crianças a

⁵² A EDUCAÇÃO da rua. Mais 2 menores gatunos, 04 de julho de 1924, p. 2.

⁵³ RIBEIRO JUNIOR, Florisvaldo Paulo. Op. Cit.

⁵⁴ Á LUZ Meridiana! Os pequenos vícios das ruas – Menores criminosos – Rápidos aspectos da cidade, 12 de junho de 1924. p. 1.

cometerem crimes. Aqui, o governo, representado pela pessoa de José Moreira da Rocha⁵⁵, é responsabilizado por não tomar providências a respeito do problema dos menores abandonados na cidade. Um discurso muito presente entre as publicações do *O Nordeste* foi o de que o trabalho seria a solução para os vícios e os crimes da população, e também funcionaria como um meio de educação para os menores abandonados. O trabalho desde a infância aparece em contradição à vadiagem. Este é retratado como a solução para evitar que futuramente estas crianças cresçam como pessoas ociosas e, assim, propaguem a miséria e demais problemas sociais. Se utilizando desse argumento, a folha toma a frente na campanha pela criação de espaços para a recuperação dos vadios a partir da disciplina do trabalho.

É interessante notar que o agravante para a crítica à presença dos menores nas ruas é o fato dela ocorrer no centro da cidade, retratada como “uma das mais populosas e mais lindas do Nordeste”. Ou seja, nessa linda cidade não teria lugar para tais práticas, visto que elas seriam inadequadas ao *status* que Fortaleza tinha, ou sua população desejava que tivesse, em relação a outras da região.

Essa preocupação e a reivindicação por providências por parte das autoridades estavam presentes desde o ano de lançamento do jornal, quando já eram frequentes reclamações sobre o tema. No ano de 1923, o periódico deu início a uma campanha moralizadora contra a prática em Fortaleza:

[..] Mas nós estamos dispostos a fazer agir a policia, leva-la ao cumprimento de seu dever, em que ella é tão lamentavelmente negligente.
Com esta nota de hoje, iniciamos uma campanha viva de moralização social, na qual esperamos contar com o apoio dos leitores dignos.
Estes tem a obrigação moral de colaborar comnosco para esse *fim*.
Portanto devem trazer-nos para que denunciemos todos os factos que para tal possam concorrer, bem como o rol das casas de perdição que chegarem ao seu conhecimento, de modo a que possamos aponta-las a vigilância das autoridades policiaes.⁵⁶

O Nordeste, desse modo, toma a frente no combate à prostituição na cidade. A justificativa para seu empenho em denunciar a prática foi por causa da insuficiência da polícia em cumprir o seu papel de combatê-la. Uma reclamação publicada no jornal daria uma maior visibilidade ao fato. Deste modo, a população também passaria a reclamar com uma maior intensidade. O próprio jornal pede a colaboração dos leitores “dignos”, que teriam a obrigação moral de fazê-lo. Implicitamente, o autor diz que quem não colaborasse não era digno, não teria moral. Com essas denúncias por parte da imprensa e da população, a polícia se sentiria pressionada a realizar seu papel na luta contra a prostituição.

⁵⁵ Governou o Ceará de 12 de junho de 1924 a 19 de maio de 1928.

⁵⁶ UM BRADO de alerta pela moralidade pública – O meretrício e o caftismo, 26 de maio de 1923, p1.

Durante o ano de 1923, as denúncias apareceram mais veementemente, pois *O Nordeste* liderou, nesse ano, uma campanha moralizadora no combate a essa prática. Elas eram publicadas em um quadro chamado “Pela moralização social”, no qual podemos encontrar as denúncias a respeito da prostituição na cidade e reclamações a respeito do comportamento tanto das prostitutas como de seus clientes. A contribuição dos leitores no combate ao meretrício foi bastante presente, principalmente através de cartas anônimas publicadas no jornal.

Acreditamos que, com as campanhas, os redatores do *O Nordeste* pretendiam influenciar a opinião pública⁵⁷, fazendo com que os problemas por ele apontados fossem assumidos pela sociedade e esta reivindicasse sua resolução. Habermas defende que “a opinião pública reina, mas não governa”⁵⁸. Deste modo, caberia a ela demandar soluções por parte dos poderes públicos.

Era exatamente essa a característica que definia as campanhas do *O Nordeste*. Elas não eram somente denúncias. Eram mais que isso, porque tinham a intenção de mobilizar a sociedade e, junto com ela, cobrar providências por parte da administração pública em prol da moralização. Com elas, *O Nordeste* tinha a pretensão de ser a vanguarda, o “baluarte do decoro e da moralidade” em Fortaleza.

É interessante observar também a relação de cumplicidade que o periódico tinha, ou demonstrava ter, com os seus leitores. Era muito comum em suas folhas as queixas da população a respeito de alguns fatos ocorridos na cidade. Algumas destas cartas eram anônimas ou assinadas apenas como “um pai de família”, ou “um leitor”. Não podemos afirmar se estas cartas haviam sido enviadas pelos leitores, ou se haviam sido escritas pelos próprios redatores do jornal na intenção de criar para si uma reputação de representantes do povo fortalezense. O fato é que era grande o esforço feito para passar ao público a ideia de que *O Nordeste* era seu porta-voz. O próprio jornal se dizia defensor dos bons costumes e das famílias.

Visto isso, é relevante, ao pensar a atuação do *O Nordeste* em Fortaleza e sua influência naquela sociedade, perceber que seus redatores se utilizaram de seu discurso como *estratégia* para a propagação de suas ideias na cidade e também para a disseminação de seus valores e interesses.

Entendemos por estratégia:

o cálculo (ou manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado. A

⁵⁷ HABERMAS, Jürgen. *Mudança Estrutural na Esfera Pública*. São Paulo: Col. Biblioteca do Tempo Universitário, 2003.

⁵⁸ *Ibid.*, p. 277.

estratégia postula um *lugar* suscetível de ser circunscrito como *algo próprio* e ser a base de onde se podem gerir as relações com uma *exterioridade* de alvos ou ameaças (os clientes ou os concorrentes, inimigos, o campo em torno da cidade, os objetivos e objetos da pesquisa etc.)⁵⁹

Portanto, a estratégia tem um lugar próprio de querer e de poder. Para Certeau (Ibid.), ela é o ambiente no qual são elaborados mecanismos com a finalidade de atingir alguém que está em um local exterior. Ou seja, as estratégias são planejamentos vindos de quem detém algum tipo de poder para os que não o detém. *O Nordeste*, então, seria este “lugar próprio” para os seus redatores, que se utilizavam de seu *discurso* como *estratégia* pensada com o fim de disseminar os princípios católicos para a população, assim como para construir para ela um padrão de comportamento condizente com suas visões de mundo.

Foi a partir deste, publicado em editoriais, notícias, queixas, denúncias, entre outros, que os intelectuais católicos defenderam seus interesses e buscaram moralizar os fortalezenses.

Para Foucault (2012, p.9),

Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem, revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso — como a psicanálise nos mostrou —, não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é também aquilo que é o objeto do desejo; e visto que — e isso a história não cessa de nos ensinar — o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, é o poder do qual nós queremos apoderar⁶⁰.

Ou seja, podemos perceber, através dos discursos publicados no *O Nordeste*, que seus redatores tinham o desejo de influenciar os seus leitores (e também os não leitores) a agirem e pensarem de acordo com os seus interesses. No entanto o próprio *discurso* pode ser visto como objeto de desejo já que ele mesmo é uma ferramenta de poder. No caso aqui estudado, o discurso seria uma *estratégia* utilizada para interferir na conduta da população.

No entanto, as fontes por nós analisadas apontam que, ao mesmo tempo em que haviam as *estratégias* de moralização, haviam também as *táticas* praticadas pela população, maneiras encontradas para continuarem agindo como de costume.

Para Certeau, a tática é:

[...] a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não tem por lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o

⁵⁹ CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982, p. 99.

⁶⁰ FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo, Edições Loyola, 2012.

organiza a lei de uma força estranha. Não tem meios para se manter em si mesma, à distancia, numa posição recuada, de previsão e de convocação própria: a tática é movimento “dentro do campo de visão do inimigo” [...] e no espaço por ele controlado. Ela não tem portanto a possibilidade de dar a si mesmo um projeto global nem de totalizar o adversário num espaço distinto, visível e objetivável. Ela opera golpe por golpe, lance por lance. O que ela ganha não se conserva. [...] Tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário. Aí vai caçar. Criar ali surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. É astúcia⁶¹.

As *táticas* seriam, dessa maneira, as astúcias praticadas pelos que não possuem um lugar próprio e que, portanto, não possuem poder. Apesar delas não aparecerem sempre de forma clara nos discursos publicados na folha, podemos perceber, nas entrelinhas, a sua existência, já que ao mesmo tempo em que vemos as críticas do jornal a respeito das condutas da população constatamos também que ela se utilizava de artifícios para continuar realizando tais comportamentos.

Sendo assim, mesmo que a nossa intenção seja perceber o discurso do jornal como *estratégia* para interferir nos hábitos dos fortalezenses, não podemos afirmar que ele tenha sido aceito de maneira passiva, já que algumas pessoas encontrariam maneiras de burlar o controle que lhes era imposto.

Desta forma, seguindo a linha de pensamento desenvolvida por Certeau⁶², temos que levar em consideração que o consumidor nunca é passivo, mesmo que o discurso do jornal tenha conseguido alcançar seus objetivos moralizantes em alguns casos, a população fortalezense não assimilou este discurso de maneira estática e imutável. Assim como já mencionamos, através de suas táticas, estes usaram suas astúcias e do não possuímento de um lugar próprio de poder para “jogar” e se apropriar da maneira que mais se adequasse a sua realidade cotidiana.

⁶¹CERTEAU, Michel de. Op. Cit. pp. 100 – 101.

⁶² Ibid.

CONCLUSÃO

Em Fortaleza, aquele era um momento em que os problemas da sociedade foram postos em evidência mais intensamente devido às aspirações por mudanças, principalmente por parte dos intelectuais, das camadas dominantes e dos poderes públicos. A imprensa seria utilizada por estes grupos como espaço de discussões sobre o ar de urbanidade que Fortaleza deveria possuir, e também sobre o combate aos comportamentos indesejados por não se adequarem a essa cidade idealizada.

Nesse sentido, a falta de higiene, a vadiagem e a prostituição, que eram costumes muito presentes na cidade, não seriam toleradas, já que aquele era um momento em que se buscava formar uma sociedade ordenada, seguindo os modelos europeus. As pessoas que praticavam hábitos vistos como negativos foram alvos de reclamações nos discursos do *O Nordeste*, já que ele, como representante da Igreja, e também das famílias abastadas, defendia a ideia de que o cidadão deveria ser higiênico educado, disciplinado e produtivo.

Assim, através das campanhas moralizadoras, das denúncias, da publicação de cartas de leitores, de notícias sobre a atividade policial, etc., a folha combateu os velhos hábitos, retratados como não civilizados, em nome de uma modernidade e de um progresso desejados também pelos intelectuais que compunham sua redação.

Porém, ao mesmo tempo em que estes desejavam uma cidade moderna, queriam também defender a influência de sua religião no Estado. Assim, haveria um limite a ser respeitado em relação aos comportamentos tidos como modernos, que, não obstante, deveriam ser seguidos. Devia-se ser civilizado até o momento em que determinado comportamento não contrariasse os ensinamentos da religião católica. Algumas novidades, tidas como imorais seriam, portanto, criticadas pela instituição, e, conseqüentemente, pelo periódico, por representarem o afastamento dos católicos cearenses da citada religião. Para a Igreja, seria importante afastar principalmente as mulheres, mães ou futuras mães, e os jovens, futuro da sociedade, de tudo que os desviassem da religião.

Dessa forma, o cinema, a moda e as danças que se caracterizavam como modernos naquele momento seriam retratados na folha como males para as famílias e para a sociedade, já que para a Igreja seriam vistos como ameaças à sua autoridade. *O Nordeste*, como representante da Igreja, iria, portanto, criticar essas manifestações expondo-as em seus discursos como males que perverteriam os fiéis, principalmente os jovens e as mulheres, buscando impedir sua difusão em Fortaleza. Nesse sentido, a folha se utilizou de estratégias discursivas na intenção de formar

para o leitor uma imagem negativa das condutas por ela criticadas e também de induzi-lo a mobilizar-se para combater essas condutas.

Portanto, *O Nordeste*, no período estudado foi utilizado pela Igreja e pelos intelectuais laicos, seus organizadores, como ferramenta de moralização e de disciplinarização da população fortalezense. Percebemos, ademais, como característica da sua atuação e dos seus discursos naquele momento, uma busca de conciliação entre a modernidade almejada e a tradição católica. Desse modo, ao mesmo tempo em que se demonstrou um interesse por mudanças no comportamento da população – utilizando termos como progresso, civilização, modernidade, etc., retratados como algo bom e usados como argumentos para combater a falta de higiene, a vadiagem, os jogos de azar e a prostituição –, criticou-se também os novos hábitos, considerados civilizados pela população e pervertidos pelos religiosos.

O que nos fica claro é que, naquele momento de mudanças na sociedade, a Igreja buscava preservar seu poder, demonstrando-se fundamental para o futuro da nação, e que, para isso, se utilizou da imprensa e de intelectuais laicos que militaram a seu favor. Porém estes intelectuais tinham suas aspirações para a cidade, que iam além da religião. Eles desejavam uma Fortaleza moderna. Dessa forma, através dos seus discursos publicados no *O Nordeste*, buscaram intervir no cotidiano da população, demonstrando a necessidade da religião e induzindo-a a se comportar de acordo com uma moral católica, mas também de forma adequada à cidade por eles desejada, demonstrando ao cidadão fortalezense que ele deveria ser moderno, porém recatado, seguindo as novidades até o momento que elas não contrariassem a religião católica.